



## AS INTERFERÊNCIAS DAS REDES DIGITAIS NO COTIDIANO DA CIDADE: UMA LEITURA PELO CINEMA

Paulo Belo Reyes<sup>1</sup>  
pauloreyes@terra.com.br

Este texto faz parte das reflexões que venho desenvolvendo a respeito do deslocamento/desdobramento da dimensão pública. O que passo a focar é a transferência de interesse social que ocorre do espaço da rua para o espaço da casa.

A casa começa a ser um espaço de proteção do espaço hostil, que passa a ser a rua: protege da violência da *urbe* e remete aos idílicos mundos imagéticos. Se ela se abre ao mundo da imagem é porque há uma mudança nos seus acessos, nas possibilidades de troca entre espaços. A casa 'substitui' os seus acessos tradicionais, porta e janela, por acessos eletrônicos, televisão, telefone, computador, fax. A vida cotidiana passa, então, a ser mediada em contraponto às relações diretas antes estabelecidas. O objeto-casa constitui uma interface menos com o seu vizinho e mais com o estrangeiro, com o que lhe é mais estranho, com o que lhe é intocável.

A cidade, historicamente, tem sido o local onde se dá a visibilidade dos encontros públicos. A partir do desenvolvimento das mídias, começando pela imprensa escrita até chegar nas novas mídias tecnológicas (infocomunicacionais), esse processo tem se alterado. O espaço público da cidade, a rua, a praça, passam a ter outro caráter e perdem legitimidade na sociedade, como espaço aglutinador do que é público, para as novas mídias. Partindo dessa premissa, cabe perguntar em que medida as novas mídias tomam conta do papel público. Qual a resistência que o espaço público da cidade tem na constituição da dimensão pública?

Com a possibilidade de maior interação entre o sujeito e o objeto da ação, gerados pelas Redes Digitais, maiores são as possibilidades de isolamento e imobilidade do sujeito dentro do contexto da cidade. Seria o fim do trajeto? Os deslocamentos na cidade ganham uma 'nova cara', menos um deslocamento de corpos materiais e mais de bits, de energia, de informação. Esse é o potencial que a Rede tem: gerar ação a partir da distância. A Rede permite que a ação esteja apartada do sujeito, na relação entre sujeito e objeto da ação; não há mais necessidade de co-presença na realização da ação. Se isso é verdade, que ações não se deixam desmaterializar? Até que ponto as redes alteram os sentidos de deslocamento?

A forma de abordagem dessa problemática será feita pelo cinema. O cinema

tem um potencial de simulação, de antevisão dos acontecimentos. Antever menos no sentido de previsibilidade e mais como constituidor de novos sentidos. O cinema não é só um meio capaz de reproduzir a realidade ou de transpor a realidade no tempo e espaço diferenciado. Ele é, acima de tudo, um campo de produção de formas simbólicas. O cinema é a mídia que, talvez, melhor responda ao processo de globalização.

A intenção é, por fim, interpretar os modos como o espaço urbano contemporâneo se constitui na sua relação com a lógica das redes digitais, identificando a maneira pela qual as Redes Digitais alteram o contexto cotidiano no sentido de desmaterializar (desespacializar) as práticas sociais. Um dos recortes desse estudo contempla a interpretação de filmes que se baseia em uma leitura espacial. A matriz operacional prevê três blocos diferenciados e articulados entre si: no primeiro, nomeado Campo Operacional, proponho pensar os fluxos comunicacionais a partir de macro-categorias – ESPAÇO (onde está), TEMPO (em que momento), VELOCIDADE (variação de deslocamento) e MATERIALIDADE (consistência corpórea); no segundo, apresento as Categorias Operacionais partindo de categorias lógicas – vazio, unitário, contigüidade, continuidade, intersecção, sobreposição, continente, interpolação e oposição – pretendo identificar que relações espaciais os fluxos comunicacionais constróem; e por último, os Efeitos Operacionais, os efeitos de sentido que as relações anteriores encaminham. Vejamos, então, o diagrama:

### ONDE. Campo Operacional

| ESPAÇO         | TEMPO      | VELOCIDADE  | MATERIALIDADE |
|----------------|------------|-------------|---------------|
| Presencial     | Diacrônico | Resistência | Visível       |
| Não Presencial | Sincrônico | Fluidez     | Não Visível   |

## COMO. Categorias Operacionais

Vazio – sem deslocamento (sem significação)  
Unitário – clareza da ação (não mistura)  
Contigüidade – lado a lado (apoio mútuo, ação conjunta)  
Continuidade – fluxo contínuo (sem interrupção)  
Intersecção – cruzamento  
Sobreposição – fusão (apoiam-se completamente)  
Continente – domínio (uma prevalece)  
Interpolação – ação em rede  
Oposição – contraste (rejeitam-se)

O QUE RESULTA. Efeitos Operacionais

| ESPAÇO            | TEMPO        | VELOCIDADE   | MATERIALIDADE |
|-------------------|--------------|--------------|---------------|
| Linearidade       | Elasticidade | Aceleração   | Realidade     |
| Circularidade     | Encurtamento | Retardamento | Imaginação    |
| Espiral           | Compactação  | Repetição    | Simulação     |
| Rede              | Anulação     | Imobilidade  |               |
| Interior/Exterior | Suspensão    |              |               |
| Extensivo         |              |              |               |
| Fragmentação      |              |              |               |

Esse diagrama é uma tentativa de ordenar categorias analíticas para uma operacionalização da leitura dos filmes. O desdobramento dessa pesquisa remeterá para um aprofundamento dos meus estudos em Urbanismo. O olhar comunicacional serve, aqui, como um tensionador do olhar arquitetônico, com o intuito de constituir uma interface com outro campo disciplinar, ou seja, uma maneira de ver o espaço visível da cidade pelo seu espaço não visível.

<sup>1</sup> Arquiteto. Mestre em Planejamento Urbano pela UnB - Brasília. Doutorando em Comunicação pela UNISINOS – São Leopoldo. Prof. de Urbanismo da Fac. de Arq. e Urb. – Ritter dos Reis (Porto Alegre) e Prof. Coordenador do Trabalho de Conclusão da Fac. de Arq. e Urb. – UNISINOS (São Leopoldo).

